

FLUÊNCIA E LEITURA: DIFICULDADES E DESAFIOS DA/NA ALFABETIZAÇÃO

Dayanna Vieira de Jesus¹
Danilaura Gama dos Santos²
Islane Souza Pereira³
Valéria Ramos dos Santos⁴

RESUMO

O presente trabalho é resultado das práticas metodológicas e observações feitas em salas de aulas por professoras da rede municipal de ensino de Barra do Garças e teve como principal objetivo abordar a fluência e leitura dos alunos dos anos iniciais, tendo em vista a grande defasagem vivenciada no período pós-pandemia e as práticas para sanar as dificuldades detectadas. A escola acredita que ler é indispensável à saúde mental, emocional e intelectual e, quanto mais cedo se investe nesse hábito, mais o adulto terá oportunidade de interagir, fazer escolhas e tomar decisões. Sabe-se que ler é encontrar o que está explícito e o que está implícito no texto, formando o próprio pensamento crítico. Assim sendo, a leitura relaciona-se com a alfabetização, no sentido amplo de levar a interpretar o mundo, pois não basta decodificar as representações indicadas por signos. O leitor deve portar-se diante do texto, transformando-se. A leitura está, pois, relacionada com o progresso escolar já que, para escrever bem, é preciso ser bom leitor, ou seja, um leitor fluente. Como referencial teórico para esse trabalho, utilizamos FERREIRO (1999), CAGLIARI (1999), SOARES (2003), BAGNO (2002), dentre outros.

Palavras-chave: Leitura. Fluência. Escola.

FLUENCE AND READING: DIFFICULTIES AND CHALLENGES IN LITERACY

ABSTRACT

The present work is the result of methodological practices and observations made in classrooms by teachers from the municipal education network of Barra do Garças and its main objective was to address the fluency and reading of students in the initial years, taking into account the large gap experienced in the post-pandemic period and practices to resolve the difficulties detected. The school believes that reading is essential for mental, emotional and intellectual health and, the sooner this habit is invested in, the more the adult will have the opportunity to interact, make choices and make decisions. It is known that reading is finding what is explicit and what is implicit in the text, forming critical thinking itself. Therefore, reading is related to literacy, in the broad sense of helping to interpret the world, as it is not enough to decode the representations indicated by signs. The reader must behave in front of the text, transforming himself. Reading is, therefore, related to school progress since, to write well, you need to be a

¹ Mestra em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora no CMEB Moreira Cabral. E-mail: dayannavieirapedagoga@gmail.com

² Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pelo Centro Univar. Professora no CMEB Federico Toscani. E-mail: danilauragama27@gmail.com

³ Especialista em Alfabetização e Letramento, pela Facuminas. Professora no CMEB Federico Toscani. E-mail: islanesp.prof@gmail.com

⁴ Especialista em LIBRAS, pela Unifacvest. Professora no CMEB Federico Toscani. E-mail: valeriaramosantos@hotmail.com

good reader, that is, a fluent reader. As a theoretical reference for this work, we used FERREIRO (1999), CAGLIARI (1999), SOARES (2003), BAGNO (2002), among others.

Keywords: Reading. Fluency. School.

INTRODUÇÃO

Em sala de aula, percebemos o prazer que tem os estudantes em sentar em roda e ouvir uma gostosa leitura. Para o aluno, é sempre com renovado anseio e deleite que se dispõe a ouvir uma história. Todos nós, adultos e crianças. Além de traduzir-se em um elemento facilitador do processo de interrelação, de socialização (a roda, ouvir a história, comentar a história, recontar a história etc.), por intermédio do qual se aprende (e apreende-se) o senso de coletividade, a ouvir o outro, a falar, a expressar-se...

A concepção de leitura tem cada vez mais se distanciando de uma mera decodificação – como era compreendida há algum tempo - ela ultrapassa as barreiras da superficialidade e passa a representar o entendimento de mundo e a interpretação da realidade; portanto, ler é atribuir sentido aos vocábulos, e a partir de seu encadeamento, ter uma visão mais nítida da totalidade.

Percebendo a importância de colaborar para que o aluno leia com domínio e fluência, os diferentes gêneros e compreenda a leitura em seus diversos objetivos, propomos neste artigo uma reflexão acerca da fluência na leitura, tendo em vista que é preciso promover um tipo de leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente a sua realidade, mas que, pelas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social. Os alunos necessitam ser atuantes e críticos diante das leituras realizadas. O letramento é definido por Kleiman (1995:81) “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

FLUÊNCIA LEITORA

A Fluência leitora é a ligação da leitura à compreensão de texto, ela permite a decodificação, deixando as letras significativas ao seu reconhecimento automático de palavras. A fluência permite uma leitura ágil e transmite informações de qualidade e quantidade suficientes ao cérebro para que ele entenda o que está acontecendo. A prosódia, que inclui o ritmo de uma frase, a acentuação das palavras e a entonação da fala, também está ligada à fluência na leitura oral.

A Lei 14.407/22 (1996), abrange a alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos.

Uma competência essencial para o processo de alfabetização é a fluência leitora, que permite prever a compreensão de um texto. Os especialistas concordam que a fluência de leitura é um fator necessário para a compreensão, mas não é suficiente para garantir a compreensão.

Afirma Pinto (2022, p.97) que o aluno não apresenta fluência nas séries iniciais da alfabetização, pois ainda não conquistou a base alfabética do sistema da escrita, situação só ocorrida quando eles dominam a escrita e estabelece relações entre morfemas e grafemas. Desse modo, em suas primeiras séries de alfabetização, os alunos não dominam a base alfabética do sistema de escrita. Eles só aprendem a escrever e estabelecer relações entre morfemas e grafemas quando já dominam a escrita.

Níveis de aprendizagem da Fluência Leitora

Os resultados das avaliações de fluência distinguem três perfis de leitores: o pré-leitor (que está em um estágio inicial de alfabetização), o leitor iniciante (que precisa de maior fluência na leitura) e o leitor fluente (que pode "deslizar" pelo texto, o que significa que não precisa fazer muitas pausas para decifrar o que está escrito).

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p.38)

Diante do que foi apresentado, a BNCC impõe habilidades e competências próprias para cada faixa etária, fornecendo a nós um mapa de objetivos a serem percorridos durante cada etapa de aprendizagem que nos possibilita contribuir para o aprimoramento das habilidades de leitura. Assim sendo a fase inicial de alfabetização, começa na Educação Infantil, em que a criança apropria da leitura, pelo estímulo da imaginação e depois o contato com o livro.

A alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, vice-versa, mas é também um processo compreensão/ expressão de significados por meio do código escrito. Não se considera “alfabetizada” uma pessoa que fosse capaz apenas de decodificar símbolos sonoros, “lendo”. (SOARES, 2003, p. 15)

Diante disso, Soares (2003, p.15) acredita que a alfabetização não é apenas a capacidade de representar fonemas em grafemas ou vice-versa, mas também a capacidade de entender e expressar significados por meio do código escrito. Uma pessoa que apenas pode decodificar símbolos sonoros não é considerada "alfabetizada". Considera-se que essa é a fase do leitor iniciante, onde a criança começa a fazer o uso da decodificação dos símbolos linguísticos, porém ainda está no início do processo de alfabetização, o adulto é o papel importante nesse processo, sendo estimulador da aprendizagem.

Segundo Ferreiro (1999, p. 21), o processo, então, consiste em iniciar pelo fonema, associando-o à sua representação gráfica. É preciso que o sujeito seja capaz de isolar e de reconhecer os diferentes fonemas do seu idioma para poder, a seguir, relacioná-los aos sinais gráficos.

Disto posto, começa então com a identificação do som, relacionando-o com sua forma escrita. Sendo necessário que a criança consiga identificar e isolar os diversos sons da sua língua para então comparar com os símbolos gráficos. Salienta Soares (1998, p. 47) alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Dessa forma, Soares acredita que alfabetização e letramento são atividades diferente, porém devem caminhar juntas. Onde o objetivo é alfabetizar letrando, ensinar ler e escreve, por meio de práticas de leitura e escrita.

Afirma Palangana (2015, p.6), captando várias impressões a mente extrairia o que há de comum entre elas, chegando à “abstração”. Neste sentido a percepção propicia um registro puro e imediato do que real e o conhecimento nada mais é do que uma cópia da realidade que aí está. Portanto a mente identificara o que é compartilhado e abstrair, possibilitando seu reconhecimento e leva-lo ao conhecimento.

Durante o aprendizado da leitura, as condições de decodificação modificam-se constantemente, até que o leitor demonstre ao ler, a mesma velocidade e entonação que imprime em sua produção de fala durante o discurso oral espontâneo, mostrando, assim, que alcançou o reconhecimento automático das palavras escritas. (COGO-MOREIRA, 2023, p.1)

Desse modo, ao longo do processo de aprendizagem da leitura, as habilidades de decifração estão em constante evolução, até que o leitor consiga ler com a mesma fluidez e entonação que utiliza ao falar naturalmente, assim permite atingir a capacidade de reconhecer automaticamente as palavras escritas, formando-se então um leitor fluente, aquele capaz de percorrer o texto de forma fluida, ou seja, aquele que não necessita de longas pausas na leitura para compreender o que está escrito e nem voltar atrás em palavras já lidas para corrigir algum equívoco.

DIFICULDADES E DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO: PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

A leitura e a escrita são processos relevantes e as dificuldades podem ocorrer em várias formas, além disso, a aquisição da leitura e escrita é um elemento fundamental para os privilégios dos conhecimentos futuros e essenciais para o processo de aprendizagem. Uma criança sem solidificação em sua fase de alfabetização poderá tornar-se frustrada diante da educação formal, tendo uma vasta dificuldade em todo o processo de avanço na aprendizagem.

A compreensão da leitura e da escrita, engloba a capacidade de percepção, atenção, raciocínio, imaginação, interesse e outros aspectos que envolvem habilidades linguísticas perceptivas, cognitivas e motoras na aprendizagem.

A escrita no processo de alfabetização é essencial em todos os âmbitos das relações sociais e até mesmo em discussões, pois ela se faz presente a cada dia em todos os lugares. Segundo Cagliari (2007, p. 2) o principal objetivo da escrita é permitir a leitura, para que as pessoas possam realizar o ato de ler, possibilitando uma amplitude maior de conhecimentos. Nota-se que a leitura e a escrita são elementos imprescindíveis para esse processo. Para ter um avanço significativos nas séries posteriores é preciso de uma base sólida para formar seres pensantes e críticos na sociedade, capazes de atuarem com responsabilidade.

A lei 13.696, de 2018 – reconhece a leitura e a escrita como essenciais para assegurar a plena cidadania e uma vida digna, tornando-as um direito do cidadãos.

Por ser um dos processos educacionais mais importantes, aprender a escrever e a ler é um grande desafio que a comunidade escolar enfrenta, principalmente nos dias de hoje, pois é preciso resgatar a participação familiar no processo escolar, tornando-a uma mediadora da leitura nesse processo de alfabetização, dando sequência ao trabalho docente.

Tussi e Rösing (2009, p. 84) atribuem dois papéis à família, como medidora de leitura: o papel de aproximador e o papel de modelador. No que diz respeito ao papel aproximador cabe a família aproximar a criança com o mundo leitor, aproximando-as dos livros, apresentando o universo das letras. No que tange o papel modelador é que a família tenha consciência de seus

comportamentos, uma vez que as crianças se espelham no que vê, então esse papel de modelador nada mais é do que ensinar por meio de exemplos comportamentais.

Família como mediadora do processo de alfabetização

O trabalho da família como mediadora no processo da alfabetização é um trabalho de grande valia para aproximar às crianças dos livros e assim contribuir para a formação de leitores.

Quando a leitura e a escrita não são incentivadas no espaço familiar, acaba se tornando muitas vezes, como algo sem importância, já que o incentivo é apenas em lugares consistentes e de forma obrigatória. Entretanto, se o incentivo à leitura e à escrita ocorre dentro de ambiente informal, principalmente fora do lar, é duvidoso que o leitor tenha facilidade no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Raimundo (2007):

Dentro do seio familiar a leitura é mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias. (RAIMUNDO, 2007, p.111)

O processo da alfabetização no âmbito familiar torna a criança com um diferencial, tendo a possibilidade de ser aluno destaque no que diz respeito aos avanços na aprendizagem, pois o seio familiar é capaz de simplificar todo o processo de formação leitora.

Segundo Vieira (2004, p. 06): O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importante na sociedade.

Dessa forma, a criança precisa ter a participação significativa por parte da família, construindo pontes para facilitar o processo da aprendizagem e promover a independência em seu cotidiano.

A ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A escola é o local onde acontece o processo de ensino e aprendizagem. Nesse espaço formativo, os educadores mediam a construção e desenvolvimento integral das habilidades de seus alunos. Uma dessas habilidades é a leitura, a mesma, acontece primeiramente no ambiente

familiar. Nesse momento a família em seu cotidiano, cria condições que introduzem a criança ao primeiro contato de oralidade ao contar histórias com o uso do livro infantil e suas ilustrações.

Ferreiro (2011, p. 63) acrescenta que estamos acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar tornando-se difícil reconhecermos que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização.

O início do processo de leitura é em casa, no seio familiar, porém o seu desenvolvimento e consolidação acontecem na escola. Brasil - MEC, SEB (2015, p. 9) enfatiza a escola como espaço de desenvolvimento e ampliação da leitura e escrita de textos de diversos gêneros, ligados a diversas práticas sociais. Com isso é considerada como ferramenta para a inserção social.

É de responsabilidade da escola em seu âmbito, acolher e criar estratégias capazes de permitir que todos, sem exceção, mesmo em contextos sociais diferentes se apropriem de conhecimentos relevantes para suas vidas. Ler é um direito e a escola oportuniza e concretiza esse ato. O Pacto pela alfabetização na idade certa – MEC (2015) discorre sobre essa responsabilidade:

...torna-se fundamental refletir sobre a responsabilidade da escola em, por um lado, criar condições para que os alunos com menos oportunidades de vivenciar práticas letradas nos contextos familiares e pré-escolares se envolvam em eventos de letramento diversos no Ciclo de Alfabetização e, por outro, valorizar as práticas das quais as crianças puderam participar nesses contextos. (BRASIL- MEC, 2015, p. 14)

Deste modo, é necessário que a escola tenha organização estrutural e curricular para efetivar as ações de leitura, oferecendo ao corpo docente momentos de reflexões e formações sobre novas práticas referentes à fluência leitora, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para que planejem e executem atividades de qualidade no incentivo da leitura fluente.

Algumas práticas exploradas e incentivadas no contexto escolar

Para Carvalho e Storti (2007) a leitura é a mudança para uma nova vida, em que as letras deixam de ser uma incógnita e inserem-se no cotidiano de cada um daqueles que a apreciam. O estímulo à leitura tem sido objeto de preocupação constante no cotidiano escolar e alvo de inúmeros programas governamentais.

O governo do Estado de Mato Grosso em regime de colaboração com os seus municípios implementou o Programa ALFABETIZA MT, tendo como objetivo a Alfabetização das crianças até 2º ano do Ensino Fundamental. O programa prescinde de estrutura de gestão, criação de instrumentos legais e assinatura do termo de cooperação técnica pelo governo do Estado e prefeitos para assegurar, às crianças, o direito à alfabetização na idade certa. O programa fomenta a transformação do contexto do estado, sobretudo na fase da alfabetização, fortalecendo a gestão escolar, capacitando os docentes, avaliando o desempenho dos estudantes e gerando incentivos às escolas.

Diante dos desafios na alfabetização e fluência na leitura, percebe-se a movimentação dos poderes públicos valorizando a educação e acreditando que o ato de ler na idade adequada é fundamental na formação acadêmica do aluno e no avanço do país; considerando a escola responsável no desenvolvimento das habilidades de leitura. Diante deste cenário, as práticas e formações docentes têm sido colocadas em foco em busca de estratégias eficazes para a alfabetização e fluência leitora. BRASIL- MEC (2015), afirma que:

Sendo a aprendizagem da leitura, assim como a da produção de textos escritos, um direito de toda criança, pois é fundamental à vida em sociedade, os profissionais que atuam na escola precisam envolver-se na discussão e reflexão sobre o que e como ensinar para que cada criança se torne capaz de ler textos escritos com objetivos, extensões e estruturas diversos e em distintos portadores e contextos. (BRASIL-MEC, 2015, p. 95)

Além das formações específicas do Programa ALFABETIZA MT, tendo como público os docentes das turmas de Pré I até o 2º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a Secretaria de Educação da cidade de Barra do Garças – MT, periodicamente realiza formações oportunizando aprendizados referentes as metodologias educacionais e as práticas desenvolvidas em sala de aula para todos os professores da rede.

É visível que os investimentos realizados em formações continuadas têm trazido resultados positivos mostrando a evolução até mesmo por elevação dos índices de alfabetização que são mensurados em avaliações como no Avalia MT e Alfabetiza MT. Algumas escolas da rede municipal de Barra do Garças receberam premiações referentes ao desempenho na realização dessas avaliações estaduais. É sinal de que todas as equipes gestoras e docentes escolares têm realizado um trabalho de excelência, buscando a equidade no ensino de suas escolas.

Algumas práticas docentes incentivadoras à leitura no âmbito escolar, mesmo antes do letramento, são as contações de histórias infantis, de variados gêneros textuais que aguçam o interesse dos ouvintes e incentivam a leitura, levando-os a distinguir as variedades literárias.

O leitor vai sendo formado nessa diversidade de formas de ler, intenções e usos dos textos e seus suportes, observando e participando de situações diversas de leitura. Assim, as crianças vão descobrindo as diferenças, por exemplo, entre uma história e uma notícia, um poema e um documento – que apresentam funções tão distintas –, uma lista e um calendário, entre uma revista e um livro, entre desenhos e letras e a maneira como se distribuem no papel. São muitas as descobertas de um leitor iniciante que está em processo de entender que práticas tão distintas são chamadas de leitura. (BRASIL, MEC, 2016, p. 24)

É incentivado nas escolas o manuseio de livros e revistas diariamente em sala de aula, observando a qualidade do material e expondo em um cantinho da leitura aconchegante e propício a esse ato. São realizados jogos interativos de linguagem com a leitura de poemas, trava-línguas, adivinhas, rimas e etc. Outras ações possíveis e incentivadoras à leitura é a literatura itinerária entre a turma, criando oportunidades para que os livros sejam enviados à casa dos alunos.

O trabalho da equipe escolar é árduo, para ofertar uma educação de qualidade, capaz de transformar vidas e a sociedade. A equipe da Secretaria Municipal de Educação faz o seu papel de parceria com as escolas visitando-as, tomando a leitura dos estudantes e observando as estratégias e ações que a escola se propõe a realizar para evoluir na fluência leitora. O trabalho em conjunto entre Estado, Município e Escolas fortalecem a Educação, diminui a rotatividade dos alunos e amplia a percepção de mundo dentre os mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bagno (2002, p. 24) define a língua como atividade social, e isso faz com que a “prática da interpretação” seja fundamental na interação social humana. Para ele, portanto, essa prática deve ser exercitada em aula, e não só a teoria. O letramento que ele sugere não se resume, a saber, ler e escrever; envolve as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, a contextualização da língua em seu uso através da escrita. A leitura deve, portanto, ter uma grande participação na compreensão da gramática, sem, no entanto, depender da nomenclatura.

Ao sentir a leitura como fonte de prazer e satisfação intelectual, o educando sente-se atraído pelas possibilidades que ela representa. O entusiasmo da leitura faz com que a linguagem verbal se torne mais fluente e haja maior interesse pelo conhecimento de palavras

novas. A variedade de tipos de leitura que o livro possibilita favorece a aquisição de novos conceitos, formando, assim, um indivíduo atuante, pensador e crítico dentro do seu contexto.

Assim, a leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para a qual os educadores e a escola não dedicam mais que uns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes. É inquestionável a importância do hábito de leitura na formação do ser humano. Ainda mais irrefutável é a necessidade do profissional da área da Educação, principalmente o docente, de manter-se atualizado por meio de uma capacidade de leitura hábil e crítica.

A escola vem, portanto, constituindo-se como espaço privilegiado para a aprendizagem e para o desenvolvimento da leitura, pois aí se dá o encontro decisivo do aluno com o ato de ler. Outro fator importante é o hábito familiar, pois a família em que carrega consigo o hábito de ler, certamente terá em casa uma criança leitora fluente. A educação é dever da escola e da família, nesse sentido, ambas devem trabalhar em conjunto para que aconteça o processo de ensino e aprendizagem de forma efetiva para que consigamos resultado satisfatório e alunos leitores fluentes partindo dos anos iniciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A inevitável travessia**. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 13-84.

BRASIL. Decreto n.º 13.696, de 12 de julho de 2018. **Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2018/08/politica-nacional-de-leitura-e-escrita-agora-e-lei#:~:text=A%20nova%20lei%20aprovada%20pelo,as%20um%20direito%20do%20cidad%C3%A3os>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização**. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Crianças como leitoras e autoras** / Ministério da Educação, 1.ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p. : il.: 20,5 x 27,5 cm-(Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.6)

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo. Scipione, 1999.

CARVALHO, Giuvane Franzoi de e STORTI, Eione Francisco Ramos. **A importância da leitura em todas as fases da vida.** Revista Científica Multidisciplinar UNIMEO. Assis Chateaubriand. n. 1, p. 127-130, 2007.

COGO-MOREIRA, H., MOLINARI, G. L., Carvalho, C. A. F. de., Kida, A. de S. B., Lúcio, P. S., & Avila, C. R. B. de .. (2023). **Pontos de corte, sensibilidade e especificidade para rastreamento da fluência leitora em crianças.** Cogas, 35(3), e20210263.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FERREIRO, Emilia, **Reflexões sobre alfabetização-** 26.ed.- São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v.6)

KLEIMAN, Ângela & SIGNORINI, Inês (Org) (1995). *Os significados do letramento.*

LEAL, Telma Ferraz. **Concepção de alfabetização em documentos curriculares: comparação Brasil Argentina.** Florianópolis. Revista Linhas. jan./abr. 2022. v.23,n.51,p.160-189.

PALANGANA, Isilda Campaner. **A socialização do saber e as reformas do pensamento.** Pro-Posições, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 20–27, 2016.

PINTO, L. da S., SILVA, D. P. da, RODRIGUES ALVES, A., & Silva, J. M. S. (2022). **A fluência leitora no Ensino Fundamental.** Conjecturas, 22(13), 96–110

RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor.** In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3. 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo, Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica,1998.

SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

TUSSI, R. C.; RÖSING, T. Programa Bebelendo. **Uma intervenção precoce de leitura.** São Paulo: Global, 2009.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor: a família em questão.** In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004.